Trauma e a lembrança encobridora

Célia Vergínia da Silva do Amaral

Quando M. busca análise, tem 41 anos de idade. Dois fatores determinam sua busca: está angustiada, tomada por um estado depressivo, e com idéias de suicídio. Pensava em projetar-se de algum lugar bem alto, sem que nada pudesse impedir a passagem de seu corpo. Ao mesmo tempo, estava prestes a iniciar um estágio na área de saúde e se perguntava como, assolada por esse sentimento, poderia tratar de alguém. Descreve um sentimento de culpa que a invade, e não sabe se a culpa é relativa ao desejo de suicídio ou se esse desejo resulta do insuportável da própria culpa. Tentara se matar três vezes, tendo provocado acidentes automobilísticos, mas não se recorda de detalhes. Tinha insônia, dor nos pulsos, dor de cabeça, dor e herpes na região lombar, todos sintomas para os quais os médicos não encontravam razão. Mas era aturdida sobretudo por "lembranças em *flashes*" e por uma história pessoal com "imensas lacunas", que ela mesma entendia como um sintoma.

Flashes lhe vêm ao pensamento. *Flashes* de lembranças que a inquietam. São inúmeros *flashes*, dos quais dois se destacam pela insistência e, em sua análise, articularão seus sintomas e sua "história com imensas lacunas".

Uma dessas lembranças é de roupas estendidas no varal, com lençóis maltorcidos "respingando" água em seu rosto e um pedaço de tecido lavado "respingando" água no nariz de seu irmãozinho. A outra, a imagem de uma boneca de louça toda quebrada que não sabia se era dela ou de sua irmã. Ficava intrigada, incomodada, porque não se tratava de estar sem uma ou outra parte do corpo, mas de estar toda quebrada. Também se interrogava pelo fato de pertencer a uma geração que conheceu bonecas de material plástico e sua lembrança ser de uma boneca de louça. Questionava a mãe sobre essa boneca quebrada, porém ela dizia nada saber a respeito.

Segundo Freud, em *Rascunho K*:

> A histeria começa com a subjugação do eu [...]. A produção de tensão, na experiência primária de desprazer, é tão grande que o eu não resiste a ela e não forma nenhum sintoma psíquico,

> mas é obrigado a permitir uma manifestação de descarga – [...] uma expressão exagerada de excitação [qualificada] como "histeria do susto"; seu sintoma primário é a *manifestação do susto,* acompanhada por uma *lacuna* psíquica. Ainda não se sabe até que idade pode ocorrer essa primeira subjugação histérica do eu.[1]

[1] Freud. Rascunho K (1896, p. 249).

Ora, sabemos que, no percurso de uma análise, o sujeito se depara com o efeito do recalcamento e a formação de sintomas, em um trabalho de defesa em que a lembrança demonstra a conexão entre ambos. Fruto do recalcamento, a lembrança encobridora decorre da intensificação de uma idéia limítrofe, a qual pertence ao eu e lhe é acessível e, ao mesmo tempo, "forma uma parte não-distorcida da lembrança traumática". Não há supressão do que foi inscrito no inconsciente, mas sim lacuna psíquica do que resta a ser recordado.

No caso Dora, Freud chama a atenção para o efeito encobridor da amnésia infantil, as lacunas que, a favor do recalque, retiram da memória a cena que, *a posteriori,* revelará sua força de trauma. Em *Recordar, repetir e elaborar* [2], texto que põe em jogo a transferência como o fator que move o trabalho analítico, ele ressalta que a amnésia infantil é inteiramente contrabalançada pelas lembranças encobridoras que retêm, em sua totalidade, o que é essencial da infância.

[2] Freud. Recordar, repetir e elaborar (1914)

É sob transferência, então, que M. caminhará, no desfiladeiro de seus significantes, até o encontro com o real em que o sintoma congela o trauma em lembranças encobridoras. Sua história se torna singela. Há história.

Muito pobre, começou a trabalhar aos cinco anos de idade. Apenas ela ajudava o pai, feirante, compartilhando com ele uma intimidade que excluía a mãe e os irmãos. Ficava responsável pelo "caixa". Recebia o dinheiro das pessoas que compravam. O pai se vangloriava de que a filha sabia "dar o troco direitinho". Lembra que, no início da puberdade, ficou sabendo que seu pai tinha uma amante. Nessa época, sua mãe tentou o suicídio pela terceira vez, sempre da mesma maneira. Na primeira delas, foi M., ainda era bem pequena, quem a encontrou com os pulsos cortados. Não se lembra do que fez para socorrê-la. Recorda o cheiro da casa dos avós que moravam na roça, onde passava as férias. Seu único espaço de lazer, em que brincava com as outras crianças da família. Recorda também o cheiro de seu velho edredom, o cheiro de mijo e cocô da rua da feira, seu nojo, e a lembrança de que seu pai a deixava sozinha,

justamente para ir urinar e defecar em um canto dessa rua. Estranha lembrar-se de um tanque grande existente na casa de sua infância. Retorna aos lugares para ver se consegue lembrar algo mais. As lembranças, no entanto, as mesmas que lhe pareciam não fazer história, não cessam de retornar em *flashes*, pesando sobre o sujeito, fazendo sintoma.

M. estava em seu segundo casamento, do qual tinha um filho. Ficou viúva muito jovem. Seu primeiro namorado foi seu primeiro marido. Conheceu-o ainda menina. Ele sofre um acidente de carro um ano após o casamento, permanecendo internado na UTI durante quarenta e cinco dias. Levantam a hipótese de que ele provocara o acidente. M. não quis saber disso. Para ela, a lembrança mais forte é receber as roupas do marido todas sujas de sangue, cujos cheiro e cor se tornam marcas. Morto, cuidou de limpar seu corpo, barbeou, vestiu, escolheu o tipo de funeral, enfeitou o caixão... porém não lembra do enterro em si. O sangue, o cheiro, os *flashes*. Os *flashes* insistem, ausentes de razão; espantam o sujeito, remetem a um saber ignorado.

As relações familiares, em especial com a mãe, são hostis. Em uma sessão, relata que, ao recusar o convite para um jantar familiar, "jantar para resgatar o passado da família", instruíra sua mãe para justificar sua ausência aos familiares com a seguinte expressão: "Diga que não fui encontrada". Uma pergunta da analista ganha força de interpretação, abrindo o inconsciente para além da lembrança e desvelando uma outra cena: "Afinal, de que ausência você está falando?".

Como se uma cortina se abrisse, M., perplexa, rememora: estava com aproximadamente cinco anos de idade, em férias na roça, na casa de seus avós. Era amiga de uma menina portadora de síndrome de Down, com mais ou menos sua idade, com quem brincava muito.

Na casa de seus avós, existia "uma engenhoca" que funcionava precariamente como um gerador de energia elétrica. "A engenhoca" consistia "em um buraco fundo em forma de poço que captava a água vinda de um pequeno córrego. No meio do poço, havia uma peça centrífuga, cheia de lâminas de metal, sobre a qual caía a água, que, em seguida, escoava pelo fundo desse poço, passando por uma fenda lateral e indo desaguar em um riacho. No fundo do poço, havia também um mecanismo por onde passava a energia produzida, que era distribuída para umas poucas lâmpadas existentes na casa".

M. e sua coleguinha tinham o hábito de brincar às margens desse poço. A brincadeira consistia em projetar um pouco

o corpo para frente e deixar que o vento produzido pelas hélices da centrífuga fizesse esvoaçar seus cabelos e, ao mesmo tempo, respingar água em seus rostos. Certa vez, a amiga perde o equilíbrio e cai no poço sobre a centrífuga. A menina grita desesperadamente, enquanto seu corpo é despedaçado pelas hélices em um movimento de subida e descida contra as paredes do poço, sendo tanto os pedaços do corpo quanto o sangue levados pela correnteza riacho abaixo.

Há ausência de um corpo. Um corpo não foi encontrado. "Diga que não fui encontrada". Surge o significante interrogado no início da sessão, rompendo-se a relação de conciliação entre o trauma, o recalcamento e as lembranças encobridoras. O processo de defesa não sustenta mais o insuportável da angústia contida no sintoma das lembranças em *flashes*. Seus componentes despedaçados, fragmentados, lacunares, formam agora um todo nesse encontro com o real. Um trauma, um buraco, no poço da "engenhoca". Onde M. diz não ter sido encontrada é exatamente onde ela existe, onde encontra o real.

Em *Lembranças encobridoras*, Freud assinala que na memorização, "em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira"[3]. Segue-se, assim, da boneca quebrada ao corpo despedaçado da colega, dos respingos dos lençóis no varal aos respingos d'água das hélices da engenhoca – vento frio, vento de morte.

[3] Freud. Lembranças encobridoras (1899, p. 274).

Imediatamente após essa sessão, M., tragada por esse encontro com sua verdade, telefona à mãe para saber o que acontecera de fato. M., portanto, acreditava que sua mãe possuía a chave do saber sobre seu trauma. Mas não há esse Outro do saber que alivie o sujeito. A mãe lhe responde: "Só você sabe". Momento de desamparo, de perplexidade. No encontro com o real, o sujeito está largado à sua total solidão.

Desde *Estudos sobre histeria*[4], Freud persegue as causas que levam à formação dos sintomas histéricos, o sofrimento de reminiscências com seu corolário de lacunas de memória, lembranças encobridoras além de indiferença afetiva e conversões somáticas.

[4] Freud e Breuer. Estudos sobre a histeria (1893-5)

Mas o que traumatiza? O que faz efeito de trauma? Muito cedo, Freud aponta a natureza sexual da experiência ocorrida em tenra infância. O trauma é sexual, mas "não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como *lembrança* depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual"[5]. É na lógica *a posteriori* com que o inconsciente funciona e na análise com o rastreamento do significante

[5] *Ibid.*, p.155-6

em regressão na cadeia associativa que o sujeito terá acesso ao encontro fundante de seu desejo que lhe fez trauma. O Édipo, em sua complexa natureza na experiência infantil, ordenará estruturalmente o sujeito desejante, e o que encontraremos em sua fala será aquilo que, na história familiar, tornou-o um pequeno amante, funcionando o sentimento inconsciente de culpa como propulsor de recalcamento e sintoma.

M. se atormenta, emerge fortemente a hostilidade à mãe e à sua própria divisão: "Será que minha mãe pensa que eu empurrei a menina no buraco? Eu não empurrei. Eu me lembro muito bem que não empurrei. É muito triste minha mãe pensar isso de mim. Eu não tenho nem coragem de perguntar se ela pensa isso de mim, mas tenho certeza de que ela pensa". E ela própria, o que pensava? "Eu tenho certeza que não empurrei, mas será que ela vai acreditar em mim?".

O significante fisga o sujeito denotando sua divisão. A lembrança, agora viva, da cena mortífera da menina-boneca despedaçada dirige as elaborações e seu desejo de saber mais. Afinal, o saber está do lado do sujeito, só ele sabe. Vai ao velho sítio dos avós revisitar a engenhoca, lugar de tanto prazer e destroçamento. Relembra a cena, sabe que a menina caiu acidentalmente, relembra o silêncio imposto pela família sobre o acontecimento, relembra que por muito tempo ouviu gritos de uma criança, sem encontrar para eles razão que não fosse o dito materno: "São coisas de sua cabeça". Concomitantemente, a ira contida, o ressentimento e um sentimento de culpa em relação à mãe pontuam uma nova lembrança.

Recorda ter recebido de presente do pai, ainda pequena, sua única boneca, Susie, esta sim de plástico, índice de sua condição de favorita por acompanhar o pai nas madrugadas das feiras, onde compartilhava o cheiro de sua urina e fazia o caixa direitinho. Rearticula o que falara há muito tempo na análise, agora com ódio: seu pai tivera uma amante, ela o soube aos onze anos, seu pai deixara faltar o básico em casa e imagina que a amante devia receber de seu pai o que seria para a sua família. A enorme decepção sustenta o sujeito na sua histeria.

O trauma, edípico, associa a criança despedaçada, a amiguinha e o presente do pai; a boneca Susie. O lugar de preferida realiza algo de seu desejo incestuoso na história familiar, condensado pelo significante "boneca". Boneca quebrada é o significante que metaforiza tanto a experiência de horror quanto o desejo edipiano, favorecendo o deslocamento do sentimento de culpa dirigido à mãe para o episódio da morte

Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo - SP

da amiga. Boneca quebrada – de louça, de plástico, de carne que sangra – é o significante da estranheza.

Um ato falho dribla o recalque, enlaça o sujeito – verdade do desejo, verdade do sintoma.

M. precisou fazer uma prova do tipo "preencha as lacunas". "Me faltou *lacuna* na resposta", diz sob transferência. Percebe a falha significante: "Me faltou a palavra para preencher a lacuna". Interrogada sobre qual palavra lhe faltara, explica-se. Tratava-se de uma prova sobre antigas formas de cuidar da loucura. A palavra que faltara para preencher a lacuna do texto articula no inconsciente, desejo, sexo e morte. "Trepanação", eis a palavra recalcada.

Trepanação é uma técnica cirúrgica em que o trépano, um instrumento metálico, perfura os ossos, especialmente os do crânio. Um segundo sentido não lhe é anódino. Trepanação: técnica de construção que utiliza um instrumento provido de gumes muito cortantes com que se fazem furos de sondagem nos solos. Trepanação: trepa-na-ação.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1896). Rascunho K: As neuroses de defesa (Um conto de fadas para o Natal). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro*: Imago, 1987. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1896). A etiologia da histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol. III.

FREUD, Sigmund. (1899). Lembranças encobridoras. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol. III.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol. XII.

FREUD, Sigmund e BREUER, Joseph (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol. II.

resumo

O artigo aborda uma experiência vivida em tenra infância e que se constituiu como trauma organizador de sintomas onde os significantes se articulam e se ampliam no campo da fantasia. Sob transferência, o equívoco significante conduz à cena traumática, desvelando a lógica do desejo.

abstract

This article discusses the case of an experience which occured at tender childhood and which was constituted as symptom organizer trauma where the significants become linked and amplify themselves in the fantasy field. Under transference, the significant mistake conducts to the traumatic scene revealing the desire logic.

palavras-chave

Histeria, trauma, lacuna, lembranças encobridoras, sintoma

keywords

Hysteria, trauma, get, screen memories, symptom

recebido

22/02/2005

aprovado

16/04/2005